

# **O CONGRESSO SOCIALISTA INTERNACIONAL DE ESTUGARDA<sup>1</sup>**

**Vladimir Ilitch Lénine**  
**1907**

Escrito em fins de Agosto-princípios de Setembro de 1907

Presente tradução na versão das Obras Escolhidas de V.I.Lénine  
Edição em Português da Editorial Avante, 1984, t1, pp 331-337  
Traduzido das O.Completas de VILénine 5ªEd. russo t.16, pp. 67-74

---

1 **O Congresso Socialista Internacional de Estugarda**, VII Congresso da II Internacional, decorreu de 18 a 24 de Agosto de 1907. No Congresso participaram 886 delegados, representantes de partidos socialistas e de sindicatos. A delegação alemã era particularmente numerosa – 289 pessoas. A sua maioria era constituída por funcionários sindicais, o que se manifestou fortemente nas posições do Partido Social-Democrata Alemão das resoluções do Congresso.

O Congresso examinou as seguintes questões: 1) O militarismo e os conflitos internacionais; 2) As relações entre os partidos políticos e os sindicatos; 3) A questão colonial; 4) A imigração e a emigração de operários; 5) Direitos eleitorais das mulheres.

O trabalho fundamental do Congresso concentrou-se nas comissões, nas quais se redigiam os projectos de resoluções para as sessões plenárias.

As resoluções aprovadas sobre todas as questões foram uma vitória da ala revolucionária sobre a oportunista.

O congresso socialista internacional realizado em Agosto deste ano em Estugarda distinguiu-se pela sua inabitual participação e pela plenitude da sua representação. Todas as cinco partes do mundo enviaram delegados, cujo número total era de 886. Mas, além da grandiosa demonstração da unidade internacional da luta proletária, o congresso desempenhou um destacado papel na definição da tática dos partidos socialistas. O Congresso adoptou resoluções gerais sobre toda uma série de questões que até aqui eram resolvidas exclusivamente dentro dos diferentes partidos socialistas. A coesão do socialismo numa só força internacional exprime-se de modo particularmente claro neste aumento do número das questões que exigem uma solução uniforme e baseada em princípios em diversos países.

Publicamos adiante o texto completo das resoluções de Estugarda<sup>2</sup>. Mas agora vamos deter-nos brevemente em cada uma delas para assinalar os principais pontos controversos e o carácter dos debates no congresso.

Já não é a primeira vez que a questão colonial ocupa congressos internacionais. Até agora as suas resoluções sempre consistiram na condenação irrevogável da política colonial burguesa como política de pilhagem e de violência. Mas desta vez a comissão do congresso tinha uma composição tal que os elementos oportunistas, encabeçados pelo holandês Van Kol, tinham nela a preponderância. No projecto de resolução apresentado havia uma frase dizendo que o congresso não condenava em princípio toda a política colonial, a qual num regime socialista poderia desempenhar um papel civilizador. A minoria da comissão (o alemão Ledebour, os sociais-democratas polacos e russos e muitos outros) protestaram energicamente contra a admissão desta ideia. A questão foi levado ao congresso, e as forças de ambas as correntes revelaram-se tão próximas em grandeza que a luta se inflamou com uma paixão sem precedentes.

Os oportunistas uniram-se atrás de Van Kol. Bernstein e David, em nome da maioria da delegação alemã, falaram a favor do reconhecimento de uma «política colonial socialista» e fulminaram os radicais pela esterilidade da sua negação, pela sua incompreensão da importância das reformas, pela ausência de um programa colonial prático, etc. Respondeu-lhes, entre outros, Kautsky, que foi obrigado a pedir ao congresso que se pronunciasse **contra** a maioria da delegação alemã. Ele indicou com justeza que não se falava sequer de negar a luta por reformas: nas partes restantes da resolução que não suscitavam discussões, falava-se disto do modo mais definido. A questão era saber se devemos fazer concessões ao actual regime de pilhagem e violência burguesas. A política colonial actual estava sujeita ao exame do congresso, e esta política baseava-se na escravização directa dos selvagens: a burguesia introduz de facto a escravatura nas colónias, submete os indígenas a humilhações e violências inauditas, «civilizando-os» por meio da difusão da aguardente e da sífilis. E nesta situação os socialistas haviam de dizer frases evasivas sobre a possibilidade da aceitação em princípio da política colonial! Isto seria passar directamente para o ponto de vista da burguesia. Isto significaria dar o passo decisivo para a submissão do proletariado à ideologia burguesa, ao imperialismo burguês, que agora levanta a cabeça com particular arrogância.

A proposta da comissão foi derrotada no congresso por 128 votos contra 108, com 10 abstenções (da Suíça). Assinalemos que na votação em Estugarda os países receberam pela primeira vez números diferentes de votos, de 20 (as grandes nações, incluindo a Rússia) a 2 (Luxemburgo). A soma das pequenas nações, que ou não realizam uma política colonial ou a sofrem, ultrapassou os Estados que em alguma medida contaminaram mesmo o proletariado com a paixão das conquistas. Esta votação sobre a questão colonial tem uma importância muito grande. Em primeiro lugar, desmascarou-se aqui de modo particularmente evidente o oportunismo socialista, que cede à sedução burguesa. Em segundo lugar, manifestou-se aqui um traço negativo do movimento operário europeu, traço capaz de causar não poucos danos à causa do proletariado e que merece por isso séria

---

<sup>2</sup> No nº 17 do jornal *Proletári*, em que foi publicado este artigo de Lênine, foram também incluídas as resoluções do congresso socialista internacional de Estugarda.

atenção. Marx apontou repetidamente uma máxima de Sismondi que tem um enorme significado. Os proletários do mundo antigo, diz esta máxima, viviam à custa da sociedade. A sociedade contemporânea vive à custa dos proletários<sup>3</sup>.

A classe dos não possuidores, mas que não trabalham, não é capaz de derrubar os exploradores. Só a classe dos proletários, que mantém toda a sociedade, está em condições de realizar a revolução social. E eis que a vasta política colonial conduziu a que o proletariado europeu caísse **em parte** numa situação em que **não** é do seu trabalho que se mantém toda a sociedade mas do trabalho dos indígenas coloniais quase escravizados. A burguesia inglesa, por exemplo, extrai mais lucros das dezenas e centenas de milhões de habitantes da Índia e de outras colónias suas que dos operários ingleses. Nestas condições cria-se em certos países a base material, económica, da contaminação do proletariado deste ou daquele país pelo chauvinismo colonial. Isto pode naturalmente ser apenas um fenómeno transitório, mas no entanto é preciso ter clara consciência do mal, compreender as suas causas, para saber unir o proletariado de todos os países para a luta contra esse oportunismo. E esta luta conduz inevitavelmente à vitória, pois as nações «privilegiadas» constituem uma parte cada vez menor no número total das nações capitalistas.

A questão do sufrágio das mulheres quase não suscitou discussões no congresso. Houve apenas uma inglesa, da extremamente oportunista Sociedade Fabiana inglesa, que tentou defender a admissibilidade da luta socialista pelo sufrágio limitado das mulheres, isto é, não universal mas censitário. A fabiana ficou completamente sozinha. A base das suas concepções é simples: as damas burguesas inglesas esperam conseguir direitos eleitorais para si sem os alargar ao proletariado feminino.

Simultaneamente com o congresso socialista internacional realizou-se em Estugarda, no mesmo local, a primeira conferência socialista internacional das mulheres. Nesta conferência e na comissão do congresso tiveram lugar, ao ser examinada a resolução, interessantes discussões entre os sociais-democratas alemães e austríacos. Estes últimos, durante a sua luta pelo sufrágio universal, relegaram um pouco para trás a reivindicação da igualdade das mulheres e dos homens: por espírito prático eles não sublinhavam o sufrágio universal mas sim o sufrágio masculino como sua reivindicação. Nos discursos de Zetkin e de outros sociais-democratas alemães apontou-se justamente aos austríacos que eles actuavam incorrectamente, que, não apresentando com toda a energia a reivindicação do direito de voto não só para os homens mas também para as mulheres, eles estavam a enfraquecer a força do movimento de massas. As últimas palavras da resolução de Estugarda («é necessário apresentar a reivindicação do sufrágio universal **simultaneamente** para os homens e para as mulheres») têm uma relação indubitável com este episódio de excessivo «espírito prático» na história do movimento operário austríaco.

A resolução sobre a relação entre os partidos socialistas e os sindicatos tem uma importância particularmente grande para nós, russos. O congresso de Estocolmo do POSDR<sup>4</sup> pronunciou-se por sindicatos **sem partido**, adoptou, deste modo, o ponto de vista da neutralidade. Este ponto de vista sempre foi defendido pelos nossos democratas sem partido, bernsteinianos e socialistas-revolucionários. Pelo contrário, o congresso de Londres<sup>5</sup> avançou outro princípio: a aproximação dos sindicatos do partido até ao reconhecimento dos sindicatos (em certas condições) como do partido. Em Estugarda a subsecção social-democrata da secção russa (os socialistas de cada país

3 Ver K. Marx, O Capital, v. 1, cap. XXII

4 **Congresso de Estocolmo do POSDR:** IV Congresso (de Unificação) do POSDR; realizou-se em Estocolmo de 10 a 25 de Abril (23 de Abril a 8 de Maio) de 1906; O Congresso entrou na história do partido como «de Unificação». Mas no Congresso realizou-se apenas uma unificação formal do POSDR. Na realidade os bolcheviques e os mencheviques tinham diferentes concepções e plataformas sobre as questões mais importantes da revolução e representavam de facto dois partidos.

5 **Congresso de Londres:** O V Congresso do POSDR realizou-se de 30 de Abril a 19 de Maio (13 de Maio a 1 de Junho) de 1907 em Londres.

formam secções independentes nos congressos internacionais) cindiu-se na discussão desta questão (nas restantes questões não houve cisão). A saber: Plekhánov defendia por princípio a neutralidade. O bolchevique Vóinov defendia o ponto de vista antineutralista do congresso de Londres e da resolução belga (publicada juntamente com o relatório de De Brouckère nos materiais do congresso; este relatório será em breve publicado em russo). C. Zetkin observou justamente no seu jornal, *Die Gleichheit*<sup>6</sup> que os argumentos de Plekhánov em defesa da neutralidade eram tão infelizes como os argumentos dos franceses. E a resolução do congresso de Estugarda, como justamente apontou Kautsky e como todos se convencerão ao lê-la com atenção, põe fim ao reconhecimento de princípio da «neutralidade». Nela não há uma palavra sobre a neutralidade ou o sem-partidarismo. Pelo contrário, é reconhecida de modo plenamente definido a necessidade de ligações estreitas dos sindicatos com o partido socialista e o reforço destas ligações.

A resolução de Londres do POSDR sobre os sindicatos assenta agora numa sólida base de princípios na forma da resolução de Estugarda. A resolução de Estugarda estabelece em geral e para todos os países a necessidade de ligações sólidas e estreitas dos sindicatos com o partido socialista; a resolução de Londres afirma que para a Rússia a forma desta ligação, havendo para isso condições favoráveis, deve ser o partidarismo dos sindicatos e que é para aí que deve ser dirigida a actividade dos membros do partido.

Assinalemos que o princípio da neutralidade revelou em Estugarda os seus aspectos prejudiciais pelo facto de metade da delegação alemã, os representantes dos sindicatos, ser a que mais decididamente defendia o ponto de vista oportunista. Por isso, por exemplo, em Essen os alemães estavam contra Van Kol (em Essen houve um congresso só do partido, e não dos sindicatos) e em Estugarda a favor de Van Kol. A propaganda da neutralidade deu **de facto** frutos prejudiciais na Alemanha, fazendo o jogo do oportunismo na social-democracia. Este é um facto que doravante não se pode deixar de ter em conta, e é particularmente preciso ter em conta na Rússia, onde são tão numerosos os conselheiros democráticos burgueses do proletariado, que lhe recomendam a «neutralidade» do movimento sindical.

Sobre a resolução sobre a emigração e a imigração diremos apenas algumas palavras. Na comissão também aqui houve uma tentativa de defender estreitas concepções corporativas, de introduzir a proibição da imigração de operários de países atrasados (*coolies* da China, etc.). Este é o mesmo espírito de aristocratismo entre os proletários de alguns países «civilizados», que retiram certas vantagens da sua situação privilegiada e tendem por isso a esquecer as exigências da solidariedade de classe internacional. No próprio congresso não houve defensores desta estreiteza corporativa e pequeno-burguesa. A resolução corresponde plenamente às exigências da social-democracia revolucionária.

Passemos agora à última e talvez mais importante resolução do congresso: sobre a questão do antimilitarismo. O famigerado Hervé, que levantou muito alarido em França e na Europa, defendia sobre esta questão um ponto de vista semianarquista, propondo ingenuamente «responder» a cada guerra com uma greve e uma insurreição. Ele não compreendeu, por um lado, que a guerra é um produto necessário do capitalismo, e o proletariado não pode renunciar a participar numa guerra revolucionária, pois essas guerras são possíveis e houve guerras dessas em sociedades capitalistas. Ele não compreendeu, por outro lado, que a possibilidade de «responder» à guerra depende do carácter da crise que a guerra provoca. A escolha dos meios de luta está dependente destas condições, e além disso esta luta não deve consistir (este é o terceiro ponto dos mal-entendidos ou da irreflexão do herveísmo) numa substituição da guerra pela paz mas na substituição do capitalismo pelo socialismo. O fundo da questão não está em impedir apenas o surgimento da guerra mas em utilizar a crise gerada pela guerra para apressar o derrubamento da burguesia. Mas

---

6 **Die Gleichheit (A Igualdade)**: revista social-democrata: órgão do movimento operário feminino na Alemanha, e depois do movimento feminino mundial,

por trás de todos os absurdos semianarquistas do herveísmo escondia-se uma base praticamente justa: empurrar o socialismo no sentido de ele não se limitar apenas aos meios parlamentares de luta, de desenvolver nas massas a consciência da necessidade de meios revolucionários de acção em ligação com as crises que a guerra traz inevitavelmente consigo, no sentido, finalmente, de difundir entre as massas uma consciência mais viva da solidariedade internacional dos operários e da falsidade do patriotismo burguês.

A resolução de Bebel, proposta pelos alemães e que coincidia em tudo o que é essencial com a resolução de Guesde, sofria precisamente do defeito de não conter qualquer indicação das tarefas activas do proletariado. Isto deu a possibilidade de ler as proposições ortodoxas de Bebel através de óculos oportunistas. Vollmar rapidamente transformou esta possibilidade em realidade.

Foi por isso que Rosa Luxemburg e os delegados sociais-democratas russos apresentaram as suas emendas à resolução de Bebel. Nestas emendas 1) dizia-se que o militarismo é o principal instrumento da opressão de classe; 2) apontava-se a tarefa da agitação entre a juventude; 3) sublinhava-se a tarefa da social-democracia de lutar não só contra o surgimento das guerras ou pelo fim mais rápido das guerras que já começaram mas também para utilizar a crise criada pela guerra para apressar a queda da burguesia.

A subcomissão (eleita pela comissão sobre a questão do antimilitarismo) incluiu todas estas emendas na resolução de Bebel. Além disso, Jaurès propôs um plano feliz: em vez de apontar meios de luta (greve, insurreição), apontar exemplos históricos de luta do proletariado contra a guerra, a começar nas manifestações na Europa e acabar na revolução na Rússia. Em resultado de toda esta reelaboração a resolução ficou, é verdade, excessivamente longa, mas em contrapartida realmente rica de ideias e apontando com precisão as tarefas do proletariado. Nesta resolução o rigor da análise marxista ortodoxa, isto é, a única científica, combinou-se com a recomendação aos partidos operários das medidas de luta mais decididas e revolucionárias. Não se pode ler esta resolução à moda de Vollmar, do mesmo modo que não se pode metê-la nos limites estreitos do herveísmo ingénuo.

No geral, o congresso de Estugarda contrapôs claramente, em toda uma série de questões importantíssimas, as alas oportunista e revolucionária da social-democracia internacional e solucionou estas questões no espírito do marxismo revolucionário. As resoluções deste congresso, iluminadas pelos debates no congresso, devem tornar-se um companheiro constante de todos os propagandistas e agitadores. O trabalho feito em Estugarda impulsionará fortemente a unidade da táctica e a unidade da luta revolucionária dos proletários de todos os países.